

XXV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - XXV ENANCIB

GT 10 – Informação e Memória

MEMÓRIA E OBJETOS: O COLECIONISMO DAS MÁQUINAS DE ESCREVER

MEMORY AND OBJECTS: THE COLLECTING OF TYPEWRITERS

Ana Amélia Lage Martins- Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Letícia Gonçalves- Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Este estudo analisa o colecionismo de máquinas de escrever como prática inerente ao “ciclo de vida dos objetos” e à construção da memória cultural e subjetividades dos indivíduos. A partir de entrevistas com colecionadores brasileiros, destaca-se como tais objetos, ao serem ressignificados, tornam-se mediadores de narrativas afetivas, subjetivas e históricas, trazendo renovadas questões sobre a memória e o esquecimento em um cenário de digitalização crescente das sociedades.

Palavras-chave: máquinas de escrever; memória; colecionismo de máquinas de escrever

Abstract: This study analyzes the collecting of typewriters as a practice inherent to the “life cycle of objects” and to the construction of cultural memory and individual subjectivities. Based on interviews with Brazilian collectors, it highlights how these objects, when re-signified, become mediators of affective, subjective, and historical narratives, raising renewed questions about memory and forgetting in a context of increasing digitalization of societies.

Keywords: typewriter; memory; collecting of typewriters

1 INTRODUÇÃO

As máquinas de escrever são tecnologias que revolucionaram substancialmente as práticas de escrita e que estiveram relacionadas às transformações mais amplas que ocorrem nas sociedades capitalistas desde o final do século XIX.

Responsáveis por imprimir maior dinamicidade à produção de textos, que passaram a ser padronizados, a inserção destes instrumentos alterou o modo como o registro da informação acontecia, conferindo maior agilidade na produção e comunicação de documentos, possibilitando uma aceleração do fluxo de trabalho, o que foi fundamental o processo de expansão capitalista.

A difusão da escrita mecânica também está relacionada à ocupação pelas mulheres de novos espaços no mercado de trabalho, sobretudo nos escritórios, onde a presença feminina cresceu no início do século XX.

Embora tenha dividido escritores quanto ao seu uso, as máquinas de escrever cumpriram um importante papel no universo da criação literária. Isto porque a mecanização da escrita representou uma nova forma de interação com o fluxo da escrita, novas possibilidades de experimentação, de estilos e ritmos de criação. Neste sentido, a máquina se tornou uma ferramenta indispensável na economia da escrita do século XX.

Pode-se dizer que o apogeu das máquinas de escrever durou cerca de um século, considerando a sua fabricação industrial, a partir de 1880, até o declínio de seu uso, a partir de 1980, quando os processadores eletrônicos de texto passaram a ocupar a sua função (Lyons, 2023).

Não obstante o processo de obsolescência tecnológica, que leva as tecnologias consideradas não mais eficientes ao “ostracismo”, as máquinas de escrever são objetos tanto esquecidos quanto renovadamente lembrados e valorizados, o que as tornam emblemáticas do complexo processo de construção e desconstrução, permanência e impermanência, materialidade e imaterialidade da memória cultural.

Ao se incorporarem em novos circuitos de práticas, como as do colecionismo e às experiências estéticas, políticas e artísticas, as máquinas ganham novos usos e significados. Estes significados se tornam ainda mais interessantes em um contexto de intensa digitalização das sociedades. Nesse universo que modula uma “nova etapa da vida social das máquinas de escrever” (Martins, 2024), em que ganha destaque o expressivo movimento *Typewriter Revolution* (Polt, 2015), as máquinas não são vestígios de um passado, mas equipamentos ressignificados, seja como objetos afetivos, como símbolos de resistência ao efêmero digital, seja como ferramentas que evocam novas formas de criação e expressão. Assim, seu reaparecimento em diferentes esferas sugere debates sobre a persistência e ressignificação do analógico em meio ao mundo digital.

Este trabalho apresenta resultados preliminares decorrente de pesquisa teórico-empírica atualmente em curso que tem como objetivo conhecer os “ciclos de vida” das máquinas de escrever no Brasil e o papel do colecionismo nestes. Partindo de uma breve história das máquinas de escrever e de considerações teóricas gerais sobre o tema do

coleccionismo, o texto apresenta e discute questões e significados identificados em entrevistas realizadas com colecionadores brasileiros desde 2024.

2 OS CICLOS DE VIDA DAS MÁQUINAS DE ESCREVER

A história das máquinas de escrever pode ser reconstruída, em um longo prazo, desde as primeiras tecnologias de fixação da palavra. No entanto, é a partir do século XVIII que os contornos definitivos da trajetória desta forma tecnológica se delineiam, no contexto de um trabalho difuso de criação de um instrumento dedicado à mecanização da escrita¹.

Em um primeiro momento, a criação da máquina de escrever decorreu de esforços para que pessoas cegas pudessem se comunicar² e, posteriormente, ao crescente e acelerado processo de industrialização e expansão do comércio, que exigia o desenvolvimento de uma tecnologia ágil de registro da escrita.

A primeira patente intelectual a que se tem notícia para uma máquina dedicada exclusivamente à escrita mecânica foi concedida em 1714 a Henry Mill pela rainha Ana da Grã-Bretanha. Mill, no entanto, não chegou a concretizar sua realização intelectual. Mais tarde, inúmeras iniciativas advindas de diferentes partes do mundo, como a do padre paraibano João Francisco de Azevedo, concorreram para que tornasse realidade a escrita mecânica.

Oficialmente, o desenvolvimento do primeiro modelo de máquina de escrever que viria a efetivamente operar e ser comercializada como tal é atribuído ao tipógrafo norte-americano Christopher Latham Sholes, reconhecido de maneira mais consensual como o inventor do instrumento. Por meio de uma parceria com Carlos Glidden e Samuel W. Soule, Sholes viabilizou em 1873, através da fábrica de armas Remington e da parceria comercial com James Dansmore, a produção em escala industrial do primeiro artefato para a escrita

¹ Indica-se também como marco da história das máquinas de escrever o século XVI, quando teria sido inventado o gravador italiano, ou *scrittura tattile*, uma máquina para imprimir cartas em papéis, construída em 1575 por Francesco Rampazetto. Embora não haja evidências suficientes que confirmem a existência da máquina, o fato é endossado, por exemplo, pelo Museo Dinamico Della Tecnologia A. Olivetti que afirma em seu site: “A primeira tentativa, da qual temos conhecimento, reconhecida por unanimidade, de construir uma máquina de escrever, que substituiu a caligrafia comum, remonta a 1575. O tipógrafo e editor italiano, ativo em Veneza, Francesco Rampazetto, projeta um dispositivo mecânico com a intenção de permitir que os cegos se comuniquem uns com os outros e com os outros. Era um mecanismo rudimentar composto por pedaços de madeira em forma de cubo, com caracteres em relevo.”

² O húngaro Wolfgang von Kempelen, por exemplo, inventor do emblemático autômato de xadrez referenciado, a partir do conto de Poe, nas “Teses sobre a História”, de Walter Benjamin, criou uma máquina de escrever para a compositora cega Maria Theresia Paradis no final do século XVIII. O italiano Agostino Fantoni também projetou uma máquina de escrever especialmente para permitir que sua irmã, que era cega, pudesse escrever.

mecânica. Sholes também foi responsável pela criação do teclado QWERT,³ uma invenção que ainda hoje define o padrão de disposição das teclas na maioria dos teclados mecânicos e digitais.

Desde o primeiro modelo comercializado, a Remington n. 1, as máquinas de escrever se tornaram paulatinamente objetos presentes em diferentes atividades, como na guerra, na indústria, no comércio, na administração pública, nas redações jornalísticas, nas universidades e no ambiente doméstico, destacando-se como ferramentas indispensáveis para a criação, o registro e a difusão da informação ao longo do século XX.

Segundo o *Typewriter Database*, a maior base de dados dedicada a reunir números de série e modelos de máquinas de escrever do mundo, já foram catalogadas mais de mil marcas e mais de três mil modelos diferentes desses equipamentos. Grande parte desses modelos foi patenteada por fabricantes, principalmente dos Estados Unidos e Europa, que ajudaram a tornar mundialmente conhecidas marcas como Remington, Underwood, Royal, Olivetti, Smith-Corona, Hermes, Adler, Continental e Triumph.

A partir da década de 1980, após um século de predominância incontestável, o mundo assiste paulatinamente a um rápido declínio das máquinas de escrever, que passam a ser substituídas por computadores, processadores eletrônicos de textos e impressoras, considerados mais eficientes, modernos e versáteis.

No entanto, ainda que tenham sido retiradas das funções que usualmente lhes cabia, as máquinas de escrever não desapareceram, mas foram incorporadas a um novo conjunto de práticas ao serem valorizadas como objetos colecionáveis e tecnologias reconhecidas por seu valor estético, histórico e simbólico.

3 MÁQUINAS DE ESCREVER COMO OBJETOS DE MEMÓRIA: QUESTÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

Examinar as máquinas de escrever requer uma perspectiva conceitual capaz de abarcar suas diferentes dimensões, tais como Martins (2024): a) a de *forma* tecnológica; b) a de mercadoria que carrega valores de uso e de troca; c) a de instrumento de trabalho, produtor

³ Com o objetivo de evitar que as hastes de metal se enroscassem entre si na rápida digitação, Sholes desenhou o teclado separando nele as letras mais frequentemente utilizadas na língua inglesa. Assim, ele introduziu o padrão QWERTY, que consiste nas seis primeiras teclas da primeira linha do teclado e está presente até hoje nos computadores e outros dispositivos tecnológicos.

de valor; d) a de vestígio material ou resíduo (Debary, 2017); e) a de semióforo (Pomian, 1984).

Dado que esta pesquisa se propõe a analisar a trajetória social das máquinas de escrever iniciada a partir do seu “declínio”, a partir do final do século XX, optamos por entendê-las, conceitualmente, como objetos que ganham a função de semióforos. Isso se deve ao fato de que, a partir de então, elas deixam de exercer sua função utilitária principal — a de instrumentos de trabalho —, já que essa tarefa passou a ser desempenhada pelos processadores de texto digitais (Martins, 2024).

Ao serem incorporadas às práticas colecionistas, bem como à manifestações culturais e artísticas não necessariamente vinculadas à lógica produtiva capitalista, as máquinas de escrever passam a adquirir novos sentidos. Inseridas nas relações entre diferentes agentes, elas são reinvestidas de uma força simbólica que transcende sua materialidade, conectando o visível ao invisível, o ausente ao presente, sendo, portanto, *semióforos*, na acepção que faz Pomian (1984). Podem, ainda, ser compreendidas como “objetos biográficos” (Morin, 1969), pois se integram à vida das pessoas e se associam profundamente às suas histórias, identidades e vivências, funcionando como extensões da memória.

Ao lembrar que “os objetos marcam a grande virada da fronteira do humano” (Melo, 2018. p. 14), Melo (2018) ressalta como a existência dos objetos é uma mediação ontológica fundamental na constituição do ser humano/social.

Constitutivos do que é ser(-)humano, as coisas atuam como mediadoras (meio) e/ou como ‘o(s) outro(s)’ imprescindível(eis) nas mais diversas áreas das vidas das pessoas. São partes das pessoas assim como suas peles o são de seus corpos. Desde o momento em que acordamos, até a hora em que vamos dormir— e além, nos sonhos—, desde o instante do nosso nascimento, até a chegada da nossa morte— e no pós-morte, nos rituais, nas representações, nos trabalhos de luto, herança, lembrança... — estamos cercados, imersos, (re)cobertos por objetos, que existem por/por meio de/para nós. Nós lhes conferimos existência e, em retorno, eles asseguram, conferem, possibilitam e participam da nossa (Melo, 2018, p. 15).

Dada tal função ontologicamente mediadora em diferentes sistemas sociais, os objetos materiais sempre foram elementos relevantes na análise antropológica, o que fez com que a compreensão de qualquer forma de vida social e cultural tenha requerido, desde o início, a consideração destes. Os modos como eles foram sendo compreendidos, no entanto, variaram ao longo do tempo, como apresenta Gonçalves (2005).

Afastando de uma compreensão mais marcadamente fetichista dos objetos⁴, os estudos de cultura material produzidos desde a década de 1980 enfatizaram suas muitas determinações e relações constitutivas, distanciando-se de concepções dicotômicas: sujeito/objeto, natureza/cultura, material/subjetivo; civilizado/primitivo; passado/presente; tradição/modernidade etc. Isso significou reconhecer que objetos cumprem papéis significativos na dinâmica social, desempenhando mesmo a função de agentes (Appadurai, 2008; Kopytoff, 2008; Latour, 2012; Stallybrass, 2012). Objetos nos afetam e são afetados por nós, participam da construção de significados, identidades e relações sociais.

A existência dos objetos, por sua vez, é indissociável à prática de colecionar, já que: “pode-se constatar sem risco de errar que qualquer objecto natural de que os homens conhecem a existência e qualquer artefacto, por mais fantasioso que seja, figura em alguma parte num museu ou numa colecção particular” (Pomian, 1984, p. 51). De maneira geral, o colecionismo de objetos pode ser compreendido como uma prática inerente ao ser humano, existente desde as primeiras civilizações, relacionada ao próprio movimento de cognoscibilidade da realidade, já que foi coletando e colecionando que os homens produziram ordenação e classificação para o mundo.

O entendimento do que é uma coleção e por quê os indivíduos, grupos e Nações colecionam mobiliza diferentes campos do saber e se modificou ao longo do tempo. Para Lopes (2010), a primeira noção de coleção mais propriamente dita, no sentido como se conhece hoje funda-se na busca de “um sentido de permanência, [quando] os homens começaram a exteriorizar a sua existência em objetos”.

Buscando compreender os ciclos de vida das máquinas de escrever, a pesquisa integra três eixos de produção de dados: a) um bibliográfico-documental, que tem em vista a formação de um *corpus* textual a partir de narrativas de entusiastas e colecionadores de máquinas de escrever de todo o mundo; b) um que se volta para as narrativas de colecionadores e colecionadoras brasileiros de máquinas de escrever, c) um terceiro que mapeia e estabelece as redes a partir das quais podem ser percebidos os fluxos de informação e intercâmbios mobilizados pelo interesse nas máquinas.

O objetivo do presente trabalho é apresentar e discutir sentidos e questões suscitados em entrevistas narrativas realizadas com colecionadores brasileiros desde 2024. Para

⁴ Aquela que os vê apenas como mercadorias com valor próprio, descolados de contextos sociais e históricos.

compreender os significados associados ao ato de colecionar e aos objetos, sua integração às biografias individuais, bem como a dimensão criativa e intersubjetiva que atravessa a constituição de uma coleção, a pesquisa emprega a coleta e análise de entrevistas narrativas (Riessman, 2007; Jovchelovich, Bauer, 2002), que começaram a ser realizadas após aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa.

Neste sentido, foram selecionados para compor o presente relato quatro entrevistas realizadas entre agosto de 2024 e fevereiro de 2025. As entrevistas foram feitas com três colecionadores e uma colecionadora com perfil etário entre 50 e 60 anos.

3 COLECIONADORES DE MÁQUINAS E MEMÓRIAS

Embora não objetivemos com a pesquisa explicar ou generalizar os motivos que levam pessoas a colecionar máquinas de escrever ou os significados subjetivos que têm as coleções, alguns aspectos são recorrentemente ressaltados em narrativas de colecionadores e podem ser lidos como indícios dos sentidos desta prática que mantém viva a datilografia.

Entre os entrevistados, a motivação para colecionar máquinas de escrever emerge tanto de experiências e memórias afetivas quanto de reencontros com objetos do passado. Um dos entrevistados, (Colecionador 4), relata que o início de sua coleção foi casual, ao encontrar uma máquina entre itens que buscava para sua coleção de brinquedos:

Foi muito casual: apareceu um lote de brinquedos para eu comprar para coleção. E a pessoa que estava vendendo esses brinquedos tinha uma máquina de escrever, toda empoeirada, detonada, mas não mecanicamente nem esteticamente. Ela estava só abandonada no balcão. Eu bati o olho e pensei: 'Nossa, isso é demais.' E aí comprei essa máquina, que foi uma Remington modelo 16, uma grande, preta." (Colecionador 4).

O interesse despertado no colecionador, no entanto, tem raízes em lembranças da sua infância, quando, nas suas palavras:

Tinha uma família que a gente visitava e lá tinha uma caixa de metal com uma máquina de escrever, que eu nem sabia o que era, mas achava incrível. Hoje sei que era uma Remington 10 (Colecionador 4).

O colecionador 3 também já se dedicava a coleções pessoais de rádios e câmeras fotográficas quando iniciou o colecionismo de máquinas de escrever. A motivação para sua coleção está profundamente ligada à memória familiar e à presença constante das máquinas em sua infância:

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

Eu cresci numa casa com muito livro e máquinas de escrever. [...] Meu pai era taquígrafo da Assembleia Legislativa de Minas Gerais nos anos 50. [...] Então ele sempre teve máquina. [...] A cultura familiar é de convívio com máquina. E eu usei máquina a vida inteira. Alguns anos atrás, o que aconteceu foi que eu, mudando de escritório, fui procurar uma máquina que foi do meu pai, uma Remington Riter, grandona, e não achava em lugar nenhum. Ela sumiu. Sumiu do escritório, fiquei muito chateado com aquilo. E aí quando eu comprei o imóvel onde eu trabalho hoje, no sótão do prédio tinha uma máquina dessa. E aí eu comprei a máquina junto com o imóvel. Falei: olha, eu compro o seu imóvel, mas a máquina vem junto com ele. Ele me vendeu a máquina junto com o imóvel e eu mandei restaurá-la. E aí começou o meu interesse em ter máquinas em uso de novo (Colecionador 3).

A colecionadora 2 também destaca o lugar ocupado pela memória do pai, lembrando que interesse afetivo pelo objeto

começou muito tempo atrás, quando eu era menina. O meu pai dizia: vai fazer um curso de datilografia pra você arrumar emprego quando ficar grande. Aí comecei a estudar datilografia quando eu entrei no ginásio. E ele me deu uma máquina de escrever, uma Olivetti portátil. E aí eu fiquei, assim, super orgulhosa, porque eu era a única da minha turma que tinha máquina de escrever (Colecionadora 2).

O reencontro com o objeto anos mais tarde também se deu fortuitamente, mas foi decisivo para que o desejo de colecionar máquinas fosse despertado:

Um dia eu estava num ferro velho procurando uma peça para um Fusca que eu tinha e tinha uma Remington em cima de uma geladeira velha. Eu passei, olhei para ela, ela olhou para mim, eu olhei de volta, e falei: moça, qual é o preço da maquininha? Ela disse: Ah, é pelo peso. Custou sete reais a máquina... (Colecionadora 2).

Desde então, ela coleciona máquinas concentrando-se naquelas “clássicas, de ferro, [...] máquinas mais antigas e mais fortes, que não ‘derretem’, porque as da geração dos anos 1970 para cá eram quase todas de plástico. Não resistem muito, não são muito fortes”.

Com exceção do Colecionador 4, os demais colecionadores utilizam frequentemente as máquinas para a escrita. É o caso do Colecionador 1, que tendo utilizado máquinas de escrever no início de sua trajetória profissional como redator, retorna à escrita mecânica quando resolve se dedicar mais intensamente à criação literária.

Foi em 2015 para 2016, agora recentemente, que eu comecei a escrever literatura, a estudar, a fazer cursos sobre literatura. E aí eu fiz um curso de narrativa de ficção de dois anos, um curso que foi muito bom. Comecei a me envolver com esse lado, que era um lado mais pessoal meu do que profissional [...] E aí eu senti que toda vez que eu ia para o computador me remetia a trabalho. E isso me incomodava [...] eu queria algo que me tirasse desse universo. E foi assim, deu um estalo, uma vontade de voltar para as máquinas de escrever. A experiência é muito diferente [...] (Colecionador 1).

A Colecionadora 2 também ressalta a dimensão da experiência na medida em que as máquinas “são participativas. Uma caneta é participativa, uma máquina é participativa, eu escrevo nela. Mas um carrinho de ferro não é [...]” (Colecionadora 2).

Além da dimensão afetiva relacionada à memória do pai, o Colecionador 3 destaca que um dos motivos que fizeram-lhe retornar à datilografia foi o incômodo com a velocidade acelerada com a qual estava produzindo seus textos literários. Dedicado a escrever “literatura para consumo próprio”, ele afirma que

[...] eu escrevia há muitos anos em computador. Muitos anos. Nos últimos anos, usava intensamente o computador. Só que chegou num ponto que com a prática de escrever e o hábito de escrever, o computador dá uma acelerada na sua produção. Você começa a produzir um volume muito grande. E não é produtivo, porque você está com uma maçaroca de papel, se você resolver rever aquilo lá, você vai ter um trabalho medonho. A máquina entrou muito nesse momento (Colecionador 3).

A experiência da escrita que implica em outro modo de relação com o texto, mais presente e concentrado, é destacada como uma das qualidades da escrita mecânica pela Colecionadora 2.

Eu redescobri a máquina de escrever e o quanto é gostoso. Quando você vai escrever no computador, você está fazendo um texto, aí você escreve uma palavrinha errada ou bota uma vírgula num lugar errado, aparece aquela linha vermelha. As pessoas não têm ideia de como aquilo te desconcentra, como você perde o fio do pensamento que você está tecendo ali. Tanto que hoje, tudo que eu vou escrever, primeiro eu escrevo à máquina. Se eu tenho que passar para o computador, depois eu copio. Mas a ideia inicial tem que começar na máquina de escrever. Porque o pensamento da gente flui de uma melhor forma. Ela tem som, ela tem o que eu chamo de fundo musical (Colecionadora 2).

Também comercializando máquinas para novos e antigos interessados na datilografia, o Colecionador 1 aponta como a experiência da escrita mecânica é um fator crucial para pessoas que adquirem uma máquina de escrever.

Quando elas [as pessoas] me procuram, querem as máquinas funcionando. Tem máquina para decoração? Não tenho máquina para decoração. Por quê? Porque, na verdade, não é só para ter o objeto lá. As pessoas querem viver a experiência. Eu quero viver a experiência que a minha avó viveu quando escrevia aquela cartinha para o meu pai. (Colecionador 1).

O uso frequente dos objetos colecionados pelos colecionadores amplia e atualiza a própria noção de semióforo de Pomian e tensiona a ideia de Baudrillard de que o colecionismo “suspende” os objetos do mundo utilitário, já que esses artefatos retornam a um papel ativo, integrando memória e prática em uma dinâmica cultural viva. Ele revela, assim, uma dialética

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

entre suspensão e ativação, entre preservação simbólica e renovação semiótica, complexificando o entendimento do colecionismo como prática cultural onde o objeto é simultaneamente signo, memória e ferramenta viva de produção de sentidos.

A dinâmica das coleções envolve tanto critérios de seleção quanto práticas de manutenção, uso e circulação dos objetos. O Colecionador 4 relata a evolução de seus critérios de incorporação de máquinas e do delineamento de sua coleção:

No início, fui pegando o que aparecia, mas depois fui aprimorando os critérios. Inicialmente, pegava por oportunidade, depois comecei a buscar itens mais diferenciados, fora do comum, tirando os modelos mais populares. Hoje, me interesso mais por máquinas dos anos 1950 para trás, mais antigas (Colecionador 4).

Já o Colecionador 1 aprecia modelos de máquinas que foram utilizados por escritores e artistas.

Meu foco é ter máquinas de artistas, artistas no geral e principalmente escritores. Eu tenho a máquina que o Drummond usou (não a que ele usou, eu bem que gostaria), a máquina [modelo] que o Ariano Suassuna usou, a máquina do Hemingway. A máquina do Haruki Murakami, que eu gosto muito, a da Clarice Lispector.... (Colecionador 1).

Um aspecto relevante e bastante destacado e valorizado pelos colecionadores são as histórias associadas à trajetória biográfica de cada objeto. O Colecionador 1 resgata uma destas histórias afetivas que marcam os significados que o item tem na coleção e a relação que ele estabelece com o objeto:

[...] quando eu tirei a máquina do estojo, caíram duas cartinhas que estavam no fundo da máquina. Duas cartinhas de papel de caderno, de papel sulfite. Uma delas era do pai repassando a máquina para a filha (Colecionador 1).

A Colecionadora 2 também destaca o fascínio pelas “histórias de vida” das máquinas e de seus antigos proprietários:

Quanta coisa aquela máquina escreveu? Quem foi o dono dela? Era um advogado? Era um escritor? Era um jornalista? Era um adolescente que fazia trabalho na escola? Era um professor? Quantas cartas de amor essa máquina escreveu? Quantos testemunhos de vida ela botou no papel? É isso que é fascinante (Colecionadora 2).

Ela relata, por exemplo, a aquisição de uma Royal 10 que pertencia ao pai do vendedor, usada na loja de tecidos da família e depois guardada como lembrança.

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

Estava perfeita, não tinha nada para fazer na máquina, só limpar, lubrificar e usar. Aí eu falei assim: essa máquina é sua há muito tempo? Ele falou que o pai havia comprado quando a família abriu uma loja de tecidos na Rua da Carioca. E essa era a máquina que ele tinha no escritório da loja. E foi a máquina que ele usou até o dia que ele morreu. [...] Olha que coisa linda. Fez parte da família dele (Colecionadora 2).

[...] quando chega uma máquina com uma história eu adoro. Outro dia eu achei uma máquina, na hora que eu desmontei a tampa de baixo, eu encontrei um coraçõzinho num papel de seda com a letra S e escrito na própria: Silvia. Era da Silvia a máquina. Imagina, lá na década de 70 ou 60... (Colecionador 3).

Mesmo quando a história original não está disponível, o que é bastante comum, pois a aquisição das máquinas muitas vezes é realizada através de leilões que suprimem informações da proveniência, o Colecionador 3 cria narrativas para os objetos. “Eu posso construir uma história linda da Silvia usando essa máquina, entendeu? Mas é só isso que eu sei. Eu só sei que essa máquina foi da Silvia. E está lá o coraçõzinho. Isso eu preservo” (Colecionador 3).

Além disso, ele documenta minuciosamente a história de cada máquina a partir do momento que a adquire:

Minhas máquinas chegam, eu pego uma folha e escrevo onde eu comprei, quanto é que eu paguei, qual a circunstância em que eu a peguei. Faço uma certidão de renascimento da máquina. Depois eu faço uma ficha técnica da máquina que fica junto com ela. Eu estou documentando minhas máquinas. Se abrir todas elas, vai haver algum tipo de indicação. Esses documentozinhos que eu deixo junto com a máquina, embora sejam ineficientes para uma divulgação da história da máquina, é o suficiente para que ela não morra pagã (Colecionador 3).

Além de anotar dados técnicos e históricos das máquinas, o Colecionador 3 utiliza frequentemente a voz dos objetos nos documentos que ele intitula de “certidões de renascimento”, como pode ser visto no trecho a seguir.

Aos poucos, vou me entendendo como a boa máquina de escrever que o sempre fui... Macia, precisa, tenho tudo para retomar os bons tempos... Afinal, sou uma Olivetti. E, por cima, uma Dora [...] Não tenho tabulação, mas aparentemente tudo funciona, inclusive a liberação de margens... Aliás, há algo errado com os margeadores, que estão atravessando com o carro... Vim descansar descalça, meus pezinhos de borracha foram perdidos em algum lugar no tempo... Estou com meus tipos muito sujos, borrando de tinta as quinas... Mas escrevo muito, muito mesmo... Surpreendo. (Trecho da “certidão de renascimento” da máquina de escrever Olivetti Dora feita pelo Colecionador 3).

Ao narrar a trajetória e as condições da máquina em primeira pessoa, o colecionador atribui agência ao objeto, permitindo que ele conte sua própria história. Dessa forma, a máquina de escrever não é apenas um testemunho passivo do passado, mas um

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

agente ativo na produção de narrativas, afetos e identidades, tornando-se protagonista de sua própria existência no universo do colecionismo. O aspecto da agência também é ressaltado pelo Colecionador 1 quando frequentemente afirma que as “máquinas se entristecem quando ficam dentro dos armários”.

Para a Colecionadora 2, que muitas vezes se refere às máquinas como “minhas meninas” ou “minhas garotas”, o fato de o objeto carregar consigo o legado de quem o utilizou, torna-o como um “filho”, difícil de ser vendido ou descartado.

O critério para se desfazer é um parto. Cada uma que você vende é um filho que vai embora. [...] Eu olho fotografias que eu tenho delas e falo, nossa, que muita coragem vender essa máquina. É difícil (Colecionadora 2).

Já o Colecionador 3 afirma apenas se desfazer de um item presenteando, jamais vendendo-o.

Dentre os vários significados que adquirem as coleções de máquinas para os seus colecionadores está o sentido de permanência, duração e perenidade e uma relação consciente com o tempo.

Quando eu estou escrevendo na máquina, eu estou passeando pela minha história pessoal. Várias coisas ocorrem aí nessa hora, e isso é muito bom, é uma alimentação permanente disso. [...] A máquina ajuda nisso e nos mantém conectado com esse fluir do tempo (Colecionador 3).

Quando eu morrer, a minha filha vai achar o meu arquivo de madeira aqui com pastas e pastas de textos, pensamentos, tudo, cartas... Ela vai olhar e falar: “olha o que minha mãe pensava, olha como era a vida dela”. E isso é importante, igual fotografia. O meu sonho é fazer um livro com fotos e com relatos datilografados, porque é a memória que você vai deixar nesse mundo digital tão instantâneo e tão volátil (Colecionadora 2).

As máquinas me trouxeram muitas coisas positivas de conexões humanas mesmo, sabe? E amigos. Então, são coisas muito gratificantes. Sobretudo de contato humano (Colecionador 1).

Para o Colecionador 4, historiador, os significados da máquina de escrever estão associados fundamentalmente ao fato de serem

um registro histórico, artefato de design, comportamento social, testemunho da época. Tenho uma Olympia Plana, de 1945, feita de baquelite, por conta da Segunda Guerra. Tenho uma Corona 3, usada na Primeira Guerra Mundial por correspondentes. Para mim, a máquina é um testemunho vivo da sua época (Colecionador 4).

Através do colecionismo, as máquinas de escrever não apenas ganham a função de semióforos que tornam “visível e estável o que de outra forma ficaria evanescente e acessível unicamente ao olvido” (Pomian, 1994, p. 80), como também a prática colecionista cumpre um papel fundamental na preservação de um patrimônio que, embora de natureza privada, tem uma dimensão profundamente coletiva. Ao manterem “vivas” essas máquinas, os colecionadores não apenas produzem ordenamento e sentidos ao mundo e a si, mas garantem também a salvaguarda de tecnologias, práticas e memórias tangíveis, assegurando a transmissão, ainda que impermanente, de uma cultura material que, de outro modo, poderia se perder no tempo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o acúmulo teórico e histórico sobre coleções e colecionadores (Benjamin, 1995; Elsner; Cardinal, 1997; Gonçalves, 2005; Marshall, 2005; Melo, 2018; Pearce, 2013; Pomian, 1984), este trabalho compreende o colecionismo como uma mediação ontológica, uma categoria histórica (Gonçalves, 2005) e uma prática constitutiva e constituinte dos ciclos de vida dos objetos.

No caso das máquinas de escrever, a prática adquire uma relevância singular para a memória social. Essas máquinas, em sua materialidade e trajetória, tornam-se suportes privilegiados para a produção de narrativas, evocando não apenas a história técnica e cultural da escrita, mas também memórias afetivas, familiares e profissionais. O ato de colecionar máquinas de escrever é, assim, uma forma de produzir conhecimento sobre o mundo e de construir territórios subjetivos (Lopes, 2010; Melo, 2018), ao mesmo tempo em que expressa uma luta contínua contra a dispersão e o esquecimento (Benjamin, 1995), expressando, como destaca Melo (2018, p. 43), “a parte mais visível de um processo de construção e desconstrução da memória”.

Como prática, o colecionismo de máquinas de escrever evidencia a tensão dialética entre ordem e desordem (Benjamin, 1995, p. 230), entre o visível e o invisível (Pomian, 1984; Ribeiro, 2006), e entre a criação e a relação encantada com as coisas (Melo, 2018). Ele se configura como um modo de narrar com objetos (Ribeiro; Melo, 2018), fundado em uma conexão profunda com a perda e com os resquícios de vidas vividas, encerradas em um passado que, embora finito, permanece ilimitado quando rememorado (Benjamin, 2014; Gagnebin, 2006 *apud* Melo, 2018, p. 17).

O colecionismo de máquinas de escrever, campo ainda pouco explorado no Brasil, é um universo privilegiado para observar as múltiplas e complexas dinâmicas que envolvem o

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

lembrar e o esquecer, o guardar e o desfazer-se, a manutenção e a perda (Melo, 2018), a ordem e desordem no curso da produção da memória e da autoconsciência individual e coletiva. Ao preservar e ressignificar esses objetos, os colecionadores atuam como agentes da memória social, contribuindo para a valorização de patrimônios materiais e imateriais e para a construção de narrativas ancoradas no tempo, tão raras no fluxo acelerado do presente.

REFERÊNCIAS

APPADURAI, Arjun. **A vida social das coisas**: as mercadorias sob uma perspectiva cultural. Niterói: EdUFF, 2008.

BENJAMIN, Walter. Desempacotando minha biblioteca: um discurso sobre o colecionador. *In*: BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas II**: rua de mão única. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios. **BIB**: Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais, São Paulo, n. 60, p. 5-25, 2005. Disponível em: <https://bibanpocs.emnuvens.com.br/revista/article/view/285>. Acesso em: 16 set. 2023.

JOVCHELOVICH, Sandra; BAUER, Martin. W. **Entrevista Narrativa**. *In*: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis: Vozes; 2002, p. 90-113.

KOPYTOFF, Igor. A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo. *In*: APPADURAI, Arjun. **A vida social das coisas**: as mercadorias sob uma perspectiva cultural. Niterói: EdUFF, 2008. p. 89-121.

LATOURETTE, Bruno. **Reagregando o Social**: uma introdução à Teoria do Ator-Rede. Salvador/Bauru: EDUFBA/EDUSC, 2012.

LYONS, Martyn. **El siglo de la máquina de escribir**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Ampersand, 2023.

LOPES, José Rogério. Colecionismo e ciclos de vida: uma análise sobre percepção, duração e transitoriedade dos ciclos vitais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 16, n. 34, p. 377-404, jul./dez. 2010.

MARTINS, Ana Amélia Lage. Memória, objeto, permanência: a vida social das máquinas de escrever. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 24., 2024, Vitória. **Anais eletrônicos** [...]. São Paulo: ANCIB, 2024. Disponível em: <https://enancib.ancib.org/index.php/enancib/xxivenancib/paper/view/2372>. Acesso em: 25 maio 2025.

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

MARSHALL, Francisco. Epistemologias históricas do colecionismo. **Episteme**, Porto Alegre, n. 20, p. 13-23, jan./jun.2005. Disponível em:
<http://www.ufrgs.br/periodicos/periodicos-1/episteme>. Acesso em 20 ago. 2023.

MELO, Kelly Castelo Branco da Silva. **Coleção e melancolia**: universos mnemônico-patrimoniais. 2018. 144 f. Tese (Doutorado em Memória Social) - Programa de Pós-Graduação em Memória Social, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em:
<http://www.repositorio-bc.unirio.br:8080/xmlui/handle/unirio/12831>. Acesso em: 16 set. 2023.

PEARCE, Susan. M. **On collecting**: an investigation into collecting in the European tradition. New York: Routledge, 2013.

POLT, Richard. **Typewriter Revolution**: a typist's companion for the 21st century. Woodstock: Countryman Press, 2015.

POMIAN, Krzysztof. Coleção. *In*: GIL, Fernando (coord.). **Memória-História**: Enciclopédia Einaudi, v. 1. Ed. Portuguesa. Lisboa: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 1984. v. 1, p. 51-86.

RIBEIRO, Cecília Volkmer. O colecionismo e a sobrevivência do homo sapiens. **Episteme**. Porto Alegre, n.22, p. 69-78, jul./dez.2005. Disponível em:
<http://www.ufrgs.br/periodicos/periodicos-1/episteme>

RIESSMAN, Catherine Kohler. **Narrative Methods for the Human Sciences**. Thousand Oaks: Editora SAGE Publications, 2007.